

NAVEGANDO ENTRE *DOIS RIOS*, ROMANCE DE TATIANA SALEM LEVY

Margarete Dias (PUC-Rio)

A Vida alarga.
(Tatiana Salem Levy, *Dois rios*, 2011).

Em *Dois rios*, segundo romance de Tatiana Salem Levy, publicado em 2011, o título já nos aponta uma dualidade, confirmada continuamente: é a história de dois irmãos, gêmeos, contada por dois narradores, duas histórias de amor, dois abandonos, em duas partes graficamente marcadas: primeiro a história de Joana e depois a de Antônio. Entretanto, essa dualidade se desdobra e se funde em diversos momentos do texto.

A dualidade se desdobra em duplicidade na enunciação dos narradores – Joana e Antônio – e a complementaridade problemática das histórias não demonstra apenas a falta de correspondência entre elas, mas também a impossibilidade de diálogo entre as personagens, ainda assim fadadas a tentativas de comunicação. Embora o discurso seja aparentemente linear em cada parte da narrativa, há muitos *flashbacks* – tanto na primeira como na segunda parte –, o momento da enunciação se revela aos poucos em função do percurso narrativo. As interpolações de capítulos entre parênteses na história contada por Joana marcam o compasso da narrativa e às vezes o seu oposto: sua dissonância em relação ao ritmo da enunciação: a vida antiga de Joana e a nova se encontram na ilha, em *Dois Rios*, espaço de encontro e separação do romance. O espaço da infância e adolescência dos irmãos é o espaço da liberdade e da união entre eles. Com a morte do pai invadindo esse espaço, a separação entre Joana e Antônio faz-se inevitável. A ela cabe ficar com a mãe disfuncional, aprisionada pelo espaço familiar; a ele cabe sair desse espaço e se libertar da culpa.

Há muitas formas de os seres estabelecerem contato. Os sentidos nos inserem de forma sensível no mundo material: gostos, sensações, cheiros, imagens visuais e auditivas nos atravessam e, muitas vezes, respondemos aos estímulos de modo automático. O ser contemporâneo é constantemente exposto a experiências que acontecem cada vez mais rápido e de forma fragmentada. Os

momentos de reflexão ou de encontro com os outros são instantes de consciência aguda da própria existência. A necessidade de sair do espaço de mero receptor de estímulos externos força-o a elaborar suas respostas em função da própria demanda. Expressar esses instantes é muitas vezes doloroso e inconcebível, por ter de se desnudar frente ao “espelho” – o próprio olhar ou o olhar do outro, sem compreender exatamente o que quer ou precisa expressar. Ao não conseguir dizer o que incomoda, dói ou aterroriza, o ser só pode falar de “outra coisa”, tangenciando o incômodo, a dor e o terror. Entretanto, a construção deste discurso de aparente fuga desenha sua figura. Por caminhos longos e errantes, o ser confunde-se para se compreender. Assim acontece com os narradores do romance, compreender o que acontece no encontro amoroso com Marie-Ange, os obriga a vivenciar e a voltar-se para algo que havia ficado escondido.

A experiência amorosa reinscreve o passado tanto para Joana como para Antônio. Para ela, Marie-Ange, a francesa em férias que conhece na praia, é a 3ª pessoa – aquela de quem se fala; para ele, Marie-Ange, a francesa que encontra no metrô em Paris, a 2ª pessoa. A interlocução é reiterada e ressignificada pela enunciação, pois tanto Joana como Antônio contam suas histórias quando Marie-Ange já está ausente. Os narradores-personagens partem de pontos de vista aparentemente similares: um encontro (ou seria desencontro?) amoroso. O tempo da enunciação configura o passado remoto e recente de ambos em função do desaparecimento de Marie-Ange – ambos se apaixonam e se relacionam com a mesma mulher. Entretanto, quando os três se encontram, ainda na primeira parte narrada por Joana, não há explicação ou justificativa: nada se esclarece. Esse e outros enigmas não se resolvem, mas fazem parte da própria estrutura do texto, que problematiza a representação da realidade: o que é contado é inverossímil, ou pelo menos sem sentido. Para encontrar o sentido possível, é necessário aceitar as lacunas e os silêncios.

Elaborada intelectualmente, artisticamente pensada ou politicamente produzida, a fala nasce sob o signo da incompletude, ainda que o desejo seja preencher o vazio patente da enunciação. Por esta razão, o discurso de cada uma das personagens revela o descompasso entre o que é dito e a sua intenção, ou seja, sua dissonância. O ruído resultante dessa dissonância, que pode ser visto como o que escapa, o signo vazio, é o que aponta uma possibilidade de sentido dentro do universo ficcional. O reconhecimento do mundo e de si mesmo, embora incompleto, é expresso pela fala. Ao dizer o que é capaz de articular, o ser revela não só as restrições que determinam o seu discurso, mas também a elaboração transitória de sua percepção. O

tempo da enunciação fica em suspenso: um intervalo entre o acontecido, o passado e a resposta esperada e/ou desejada. Há sempre, portanto, uma lacuna. A crise se acirra na percepção de que essa não é um espaço a ser preenchido objetivamente, mas faz parte da condição humana.

Quando a busca por sentido se revela detentora de um sentido outro, o conforto que o desfecho poderia trazer não chega. A travessia não assegura o espaço da voz, não abre caminho para outras possibilidades da fala: o ser não é livre, e não se ilude mais com a construção utópica de um discurso possuidor de um sentido completo, que ainda assim é o único caminho conhecido. As tentativas são sempre modos de preencher as lacunas.

Como suportar então os enigmas revelados, mas não resolvidos? Talvez a grande contribuição do romance de Tatiana Salem Levy seja justamente essa: por seu encaminhamento formal, a relativização da construção da realidade, a impossibilidade e a falha dos encontros amorosos representados no texto, *Dois rios* expressa a condição do nosso tempo: a percepção aguda dos limites e a negação dessa percepção. Como diz Joana, "nem tudo pode o amor". A relevância das questões levantadas pelo romance e a representatividade do texto só confirmam a importância da obra e de sua autora no cenário da literatura brasileira: ela é doutora em Letras, e seu primeiro romance, *A chave de casa*, recebeu o Prêmio São Paulo de Literatura 2008 na categoria de melhor livro de autor estreante.

Referências

BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 13-14.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

LEVY, Tatiana Salem. *Dois rios*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LUKÁCS, G. *Teoria do romance*. São Paulo: Ed. 34, 2000.